



**COLCHÃO DE  
CACOS DE VIDRO**  
GUILHERME CARVALHAL

Penalux, 2020

ATAXOFOBIA

NÃO HAVIA NADA DE ERRADO com Leonor quando o advogado Barreto bateu à sua porta. Ela cumpriu impecavelmente até ali seus papéis pré-determinados. Tocava sua empresa, criava seus filhos, se dava perfeitamente bem com seu marido à exceção de pequenos conflitos incapazes de arranhar a solidez de seu relacionamento. Era dessas pessoas cuja vida não causava emoção, tampouco comoção. Ninguém a invejaria nem sentiria pena dela.

Ver Barreto resgatou uma memória longínqua. Conheceu a figura em seu curto período de trabalho como advogada durante uma confraternização da OAB. Tratava-se desses sujeitos solenes com cara de burocrata e feições de peixe morto: até seu respirar denotava a regularidade de uma mão carimbando papel. Seu jeito encabulado e desengonçado agravado pelo cavanhaque nunca linear seguia o contornando com ar cômico e simpático — continuava improvável antipatizar com ele.

Recebeu-o com hospitalidade e sorriso surpreso no rosto. Convidou-o a conversarem ali mesmo ao som do vento nos móveis, sentados nas cadeiras de vime da varanda de sua casa onde o filho caçula, Zequinha, brincava com bloquinhos de madeira erguendo um castelo:

— Leonor, sem delongas, trago um pedido meio estranho de um cliente. Eu não sei exatamente o porquê dele pedir isso. Mas eu tenho um cliente preso que quer ver você.

Ela pasmou de imediato:

— Sim, é um pouco inabitual. Ele não me deu muitos detalhes. Somente afirmou urgência e que precisava falar com você.

— E quem seria esse seu cliente?

— O nome dele é Glauco Carvalho. Conhece?

— Nome antigo. Lembro dele, sim. Mas não é próximo a mim. Eu o atendi no estágio na defensoria pública. Havia agredido a noiva. Fiquei bastante incomodada, mas quando o conheci não vi nada demais nele. A gente fica assustada se ouvir sobre alguém preso. Ao conhecê-lo, derrubei preconceitos. Não que sentisse pena. Apenas não deixava de olhar para ele e enxergar um homenzinho.

O advogado coçou a têmpora um bocado confuso:

— Só que agora o caso é grave. Ele está preso por homicídio.

— Sério? — e ela se espantou devido à quebra de perspectiva: nunca achou aquele sujeito insignificante propenso a algum ato de hostilidade pior que os tabefes desferidos na noiva. — Eu tinha para mim que ele era só um bobalhão medroso que bate em alguém mais fraco sem nunca se arriscar. Não achei que pudesse praticar violência em um grau acima. Só não tem cabimento ele querer conversar comigo.

— Como disse antes, ele foi econômico ao dar razões e frisou ser muito importante. Eu sinceramente nem pretendo insistir. Só vim informá-la por se tratar de solicitação de cliente.

Aquelas semanas iniciais de estágio lhe enclausuraram no edifício da isonomia e da legalidade. Cuidava de agendamento de horário de atendimento ao público, leva composta por gente pobre incapaz de arcar com custos de advogado criminal, boa parte das vezes mães angustiadas e ansiosas por soltar filhos presos, uma porção delas recorrendo a esse serviço após esgotarem seus recursos. Ocasionalmente atendia um ou outro assistido e ouvia relatos semelhantes. “Meu filho é bom garoto,

trabalhador, mas começou a andar com gente ruim que colocou minhoca na moleira dele” era uma justificativa corriqueira. Até adicionava nuances de emoção nesses quatro primeiros meses escutar uma história de teor comovente — não esqueceria do rapaz negro encarcerado por uma semana após ser injustamente acusado de estupro, sendo violentado pelos detentos.

Independentemente dos acontecimentos, tudo acabava caindo na rotina de papéis e inacabáveis papéis.

Estava Leonor compenetrada no computador corrigindo erros cadastrais naquele cubículo bem arejado, aclimatado com ar condicionado e com aroma adocicado da cera perfumada que diariamente a faxineira esfregava no piso de porcelanato no qual se circunscreviam os estagiários quando Rosana, a defensora pública responsável por ela, inesperadamente deu as caras rompendo o ritmo de repetição; nunca adentrava ali para conversas avulsas:

— Leonor, amanhã você vai comigo na casa de custódia. Tenho que assistir uma pessoa e já é hora de você sair daqui e ver o mundo. Não venha muito arrumada nem maquiada. O clima lá é pesado para donzelas — estipulou com inusual sarcasmo.

A notícia chegou para Leonor como recompensa e para Kátia — a colega estagiária com fama de chata

por reclamar o dia inteiro do próprio peso, de sardas cintilantes nas bochechas e aparelho ortodôntico para corrigir um canino torto — como afronta, essa competitiva e querendo a todo custo se sobressair. Mas, mesmo tomada por uma ponta de inveja e com espírito de boa perdedora, não deixou de reconhecer o mérito da amiga:

— Será perigoso? — alertou Kátia em sincera preocupação.

Leonor mirou reticente para o vazio. Ambas receberam a criação de moças típicas de classe média superprotegidas. Cresceram em prédio de condomínio onde brincavam com as demais crianças no estacionamento cercadas pelos muros e pelas câmeras de segurança, sem explorar o exterior. Os pais as levavam à escola e na adolescência ao shopping; pouco aprenderam a andar sozinhas pelas ruas. Havia o medo da violência, a cidade salpicada de rábulas, trapaceiros e favelados prestes a atacar jovens inocentes, o que acarretava na circunscrição delas a uma minúscula esfera geográfica, a um minguado pedaço de realidade onde estivessem sempre a salvo.

À medida que cresciam, as barreiras caíam. Volta e meia na adolescência pegavam táxi para ir para a casa de uma amiga, se habituaram ao metrô. Os destinos se mantinham restritos: a escola, a lanchonete, a aula de

inglês. Seguiam a cartilha da autopreservação na cidade grande, de não falar com estranhos, evitar gente suspeita, de não dar mole para nenhum ladrão.

Nessa época em que as primeiras grades desse invólucro asséptico amoleciam ocorreu um fato que a expeliu em definitivo, arregalando suas pálpebras para percorrerem além de seu estreito universo.

Desceu do metrô em uma plataforma movimentada, conforme pregava a orientação familiar. O destino, a casa de Rúbia, a colega de turma com quem, sob pretexto de estudar, colocaria as conversas adolescentes em dia.

Subiu as escadarias da estação pelas quais se mesclavam cartazes de premonições esotéricas e de prostituição e caminhou poucos metros quando um rebuliço de pessoas atraiu sua atenção. Curiosa, parou e se espremeu entre a turba, resvalando nos outros e se protegendo com inofensivas cotoveladas; logo adiante viu um sujeito atropelado caído no meio-fio retorcendo de dor por causa de uma fratura na tíbia exposta canela afora junto a sangue e carne. O acidentado agonizava e respirava soltando um gemido abreviado e duas mulheres o consolavam com palavras de força enquanto aguardavam o socorro.

Sobressaltada, Leonor recuou alguns passos. As cenas vistas exclusivamente nos filmes de terror que



assistia em grupos a floravam ali, verídicas, sem artifícios técnicos de suco de framboesa para simular sangue. A realidade condensada em cacofonia, um grito genuíno de agonia que não partia de ator treinado. O sofrimento humano escancarado à sua frente, sem a proteção de poder trocar de canal, sem um rapaz em quem se escorar na hora do susto. Solitária em meio à multidão anônima, por conta própria diante do choque.

Ao retroceder cegamente, saiu do círculo de gente e parou por um instante, desnorteada. Precisava reencontrar seu rumo, pegar a direção da casa de Rúbia, escapar da balbúrdia de animais anárquicos que chafurdavam onde farejassem dor. Nesse ínterim de restabelecimento, sentiu algo apertar seu punho, a sensação de torniquete de ferro frio a pressionar suas veias e impedir a circulação.

No afã, se voltou ao lado. Um mendigo a segurou, esse curioso tentando enxergar por cima da aglomeração:

— O que houve? — ele pronunciou com voz deteriorada por bebida e exposição ao sereno.

Atingiu seu nariz o cheiro misto de fumo vagabundo, de suor, de mijó, de falta de banho há sabe-se lá quanto tempo. O fedor originado de um homem idoso descalço de bermuda furada e camisa de campanha



## LIVROS ILUMINAM

---

Este livro foi composto em Pona Display  
para a Editora Penalux, e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em agosto de 2020.

---